

E quero dizer que a candidata não respondeu à minha pergunta: as construções assertivas explícitas no debate político-eleitoral

Ana Lucia Trindade de Souza (UFRJ)
Lilian Vieira Ferrari (UFRJ)

E quero dizer que a
candidata não
respondeu à minha
pergunta: as
construções assertivas
explícitas no debate
político-eleitoral

Resumo

Ste trabalho enfoca as construções assertivas explícitas do tipo [(Eu) quero dizer (SP) que S] em corpus extraído de debate político-eleitoral. A análise demonstrou que tais construções podem realizar atos de fala assertivos, expressivos ou compromissivos, em função dos papéis argumentais instanciados e dos trabalhos de face efetivamente realizados. Palavras-chave: Sociocognitismo; Construções assertivas explícitas; Debate político-eleitoral.

Introdução

A abordagem sociocognitiva da linguagem tem como um de seus postulados básicos a idéia de que o significado não é uma propriedade inerente às palavras e expressões da língua, mas constrói-se a partir de correspondências projetivas entre

domínios conceituais, ativadas em função da interação entre os participantes da cena comunicativa (SALOMÃO 1997, 1999; MARMARIDOU 2000). Dentro dessa perspectiva, a estrutura lingüística é concebida como 'pista' para a construção do sentido e diferenças entre estruturas sintáticas são analisadas como diferentes instruções ativadoras do processo de significação (FAUCONNIER 1997, GOLDEBERG 1995).

Não é, portanto, surpreendente que essa moldura teórica venha atuando como solo fértil para a investigação de questões referentes à inter-relação entre estrutura sintática e significado pragmático, como é o caso da pesquisa que deu origem ao presente estudo. Em um esforço de articulação entre os pressupostos teóricos da Lingüística Sociocognitiva e as noções pragmáticas de ato de fala e modalidade, enfocam-se as construções assertivas em que ocorre a explicitação do verbo "dizer" sob o enquadre sintático [(EU) QUERO DIZER (SP) [COMP S]], que tem uma de suas instanciações ilustrada na sentença reproduzida no título deste trabalho. A partir de um levantamento de tais construções em corpus videogravado do debate político-eleitoral para o governo do Estado do Rio de Janeiro em 2002, verificou-se a relação entre estrutura sintática e significados pragmáticos assumidos em contexto interacional. Observou-se também a co-ocorrência de marcadores discursivos específicos, operando como modalizadores e contribuindo para a sinalização de trabalhos de face realizados pelas construções investigadas.

O trabalho subdivide-se da seguinte forma: a seção 2 apresenta a metodologia, fornecendo informações sobre coleta de dados, elaboração do corpus e objeto de estudo; na seção 3, são apresentados os pressupostos teóricos que fundamentaram a pesquisa, incluindo-se referências à hipótese sociocognitiva, à teoria dos atos de fala e à noção de modalidade; a seção 4 apresenta a análise dos dados, em que são explicitadas as relações entre estrutura sintática, atos de fala e trabalhos de face associados às construções assertivas explícitas.

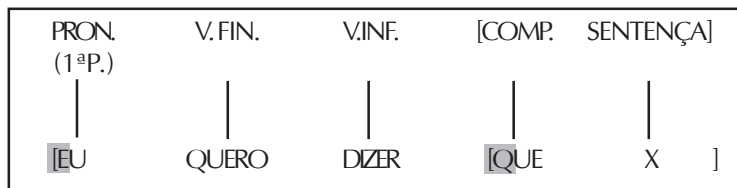
1 Metodologia

O corpus da pesquisa foi videogravado durante a campanha político-eleitoral de 2002 para o Governo do Estado do Rio de Janeiro, a partir de dois debates televisionados com duração aproximada de 120 minutos cada um, na Rede Bandeirantes e na Rede Globo. Os dados foram transcritos com base em Marcuschi (1997).

Ambos os debates foram conduzidos por um mediador ou apresentador que delimitava as regras e a ordem das perguntas e das respostas dos candidatos. Todos os participantes tinham um tempo determinado para fazer ou responder a uma pergunta e esse tempo não podia ser ultrapassado. Além disso, todos tinham direito à réplica e à tréplica.

Durante os debates, observou-se a ocorrência freqüente de construções assertivas explícitas (CAE) selecionadas como objeto de estudo do presente trabalho. A pesquisa enfocou, inicialmente, as CAE que apresentam o esquema

sintático genérico [1ª p. V.finito Vinfinitivo [Comp S]], cuja instanciação pode ser representada nos termos representados abaixo:



E quero dizer que a candidata não respondeu à minha pergunta: as construções assertivas explícitas no debate político-eleitoral

Esse esquema pode ser ilustrado pelo seguinte exemplo retirado do corpus:

- (1) “bom em 1º lugar [eu quero dizer que] a candidata tá mostrando os números dos nossos adversários que assumiram o governo...” (RG)

É interessante notar que o exemplo acima seria perfeitamente aceitável sem a explicitação de sua assertividade. A questão que se coloca então é a seguinte: por que o falante optaria por essa explicitação quando o ato que está realizando é inequivocamente assertivo, ou seja, por que usaria [eu quero dizer que X] quando já é óbvio que está dizendo algo.

2 Pressupostos teóricos

Nesta seção, apresentaremos um breve resumo da hipótese sociocognitiva sobre a linguagem, relacionando-a às noções pragmáticas de ato de fala e modalidade.

2.1 A hipótese sociocognitiva

A hipótese sociocognitiva sobre a linguagem baseia-se no fato de que o evento de fala é caracterizado por diversos fatores, tais como a gramática, o contexto e a cultura dos participantes. Salomão (1997) afirma que os processos de inferenciação (conceptual, pragmática e figurativa) são desencadeados pelas pistas lingüísticas oferecidas pela enunciação do falante. Nos termos de Fauconnier (1994), “a linguagem não porta o sentido, mas o guia”.

A Lingüística Sociocognitiva apresenta como hipótese-guia a seguinte afirmação:

“...a significação é uma construção mental produzida pelos sujeitos cognitivos no curso de sua interação comunicativa, em outros termos, o sinal guia o processo de significação diretamente no contexto de uso.” (SALOMÃO, 1999)

Nesse quadro, tem-se como foco o caráter social da cognição. O significado lingüístico é construído interativamente pelos participantes da cena comunicativa.

A questão que se coloca entre a escassez do significante lingüístico e a riqueza da sobredeterminação contextual é a compreensão do funcionamento da gramática como instrumento imprescindível da conceptualização. Dessa forma, torna-se necessária uma nova concepção de gramática a fim de que se dê conta dos fenômenos envolvidos. Sabemos que o estudo da sensibilidade da gramática às pressões do uso requer que se adote a investigação da gramática em suas relações com a interação social, conforme a proposição langackeriana de que “a gramática é o instrumento da conceptualização socialmente determinada”.

A agenda investigativa sustentada pela hipótese sociocognitiva é também apresentada por Miranda (2001:59):

“... O coração da atividade interpretativa está no caráter social da cognição e, portanto, no sujeito interativo – um sujeito que constrói a identidade, o conhecimento, na dialogia, no partilhamento com o outro.”

Anuncia-se, então, o princípio do partilhamento das ações de linguagem, ao lado de outra premissa fundamental à hipótese sociocognitiva – o princípio da escassez da forma lingüística, o qual corresponde a uma característica essencial do processo de significação da linguagem: a subdeterminação do significado pelo significante. Esta hipótese implica tomar a forma lingüística, o significante, como instrução, como pista suscitadora das tarefas semântico-cognitivo-sociais da linguagem.

2.2 A visão sociocognitiva dos atos de fala

A teoria dos atos de fala, delineada inicialmente por Austin (1962), estabelece uma reflexão sobre os vários tipos de ações humanas que se realizam através da linguagem, com base no *insight* inicial de que as pessoas falam não somente para retratar a realidade, mas também para alterar o mundo a partir dos seus enunciados. Argumenta-se que existem sentenças que modificam a realidade e não apenas a descrevem, como sentenças judiciais do tipo “*Eu condeno o réu a dez anos de prisão*”. Em um segundo momento, os desdobramentos dessa reflexão permitem o reconhecimento de que ações como asseverar, perguntar, ordenar, etc. também são atos de fala completos, batizados genericamente de atos ilocucionários.

Mais tarde, a teoria de Austin sofreu várias críticas, entre as quais a de que ele primeiro focalizou os atos institucionalizados, e só depois passou a investigar a força ilocucionária das outras emissões. Argumentou-se, ainda, que nem sempre a força ilocucionária vai ser determinada pelo recurso a um verbo performativo, mas vai depender, também, do contexto e da interação entre os interlocutores (MARMARIDOU, 2000).

Vale ressaltar que embora alguns atos de fala possam ser realizados através do uso de verbos performativos explícitos (ex.: “*Eu prometo que acabarei com a fome*”), esses atos também podem ser realizados na ausência desses verbos (ex.: “*Eu acabarei com a fome*”). Nesse último caso, a força ilocucionária da emissão pode ser estabelecida através de recursos gramaticais (tempo e

modo verbais), fonológicos (tom de voz, cadência, ênfase), lexicais (advérbios e sintagmas adverbiais, conectivos), contextuais (status social relativo entre falante e ouvinte) e também recursos não-verbais (gestos, expressões faciais, etc). Além disso, é importante lembrar que não se deve confundir atos ilocucionários com verbos ilocucionários; esses últimos seriam apenas um tipo de indicador de força ilocucionária utilizado para realizar o ato.

Searle (1969), revisitando Austin, propôs uma tipologia dos atos de fala, conjugando três noções fundamentais: objetivo ilocucionário, força ilocucionária e condição de sinceridade. Com base nessas categorias, Searle (1979) propôs uma classificação dos atos ilocucionários de modo que cada classe de ato ilocucionário fosse caracterizado pelo mesmo conjunto de condições.

Assim, Searle compôs o seguinte quadro tipológico:

- a) Atos Assertivos: uso da língua para dizer às pessoas como as coisas são, como em afirmar, concluir, etc. Ex.: Está frio.
- b) Atos Diretivos: uso da língua para tentar levar as pessoas a fazerem coisas, como pedir, aconselhar. Ex.: Passe o sal, por favor.
- c) Atos Compromissivos: uso da língua para comprometer-se com a realização de determinadas coisas, como prometer algo. Ex.: Eu prometo que irei.
- d) Atos Expressivos: uso da língua para expressar sentimentos e atitudes, como agradecer, lamentar. Ex.: Desculpe-me, lamento pelo ocorrido.
- e) Atos Declarativos: uso da língua para realizar mudanças no mundo, como em declarar guerra, nomear um candidato, etc. Ex.: Eu vos declaro marido e mulher.

Uma crítica feita à sistematização apresentada acima é que embora partindo do pressuposto de que atos de fala são “coisas que fazemos com a linguagem”, Searle coloca o maior peso dessa ação no locutor, deixando em segundo plano o papel do interlocutor. Dessa forma, anula-se a dimensão interativa e de prática social que a perspectiva de linguagem-como-ação deve contemplar.

A abordagem sociocognitiva estabelece que a força ilocucionária não depende somente do emissor, mas também do ouvinte e do contexto no qual está inserida; o significado da mensagem é construído interacionalmente. Assim, os atos de fala vão ser permeáveis ao contexto social e à base interacional da comunicação (MARMARIDOU, 2000).

2.2.1 Construções Assertivas Explícitas

Como já foi visto, os atos assertivos têm o propósito de fazer uso da língua para dizer às pessoas como as coisas são, “o falante se compromete (em diferentes graus) com o fato de algo ser o caso, com a verdade da proposição expressa” (SEARLE, 1979, p.19). Esses atos podem aparecer apenas como

afirmações (ex. *O livro está na estante*) ou através de afirmações associadas a assertivos explícitos, tais como 'afirmar', 'dizer', 'achar', 'concluir' (ex. *Eu afirmo/digo/acho/concluo que o livro está na estante*).

É importante notar que o que é explicitado pelos verbos assertivos, diferentemente dos outros verbos performativos, tem mais a ver com a relação entre emissão e contexto do que com a explicitação do ato de fala realizado. Se é claro que ao se afirmar, já se está afirmando, por exemplo, por que seriam utilizados esses verbos, se não fossem relevantes os aspectos do contexto interacional? Em termos do objeto de estudo do presente trabalho, por que o falante usaria a construção assertiva explícita "*Eu quero dizer que S*", se na verdade ele já está realizando a ação, isto é, já está dizendo algo?

Nos termos do que propôs Grice (1967), os falantes infringem a "Máxima de Quantidade", na medida em que são mais informativos do que necessário. Tratando-se de uma violação explícita da máxima, torna-se possível estabelecer a implicatura de que a construção em questão coloca-se a serviço de estratégias interacionais. Veremos mais tarde, na análise dos dados, que essas construções realizam trabalhos de face específicos dentro dos contextos nos quais estão inseridas.

Sumariando, pode-se argumentar que a força ilocucionária da emissão é construída no processo interacional. O contexto, o emissor e o receptor devem ser considerados na construção do significado da sentença. Sendo assim, as CAE não devem ser analisadas isoladamente, mas dentro de um contexto específico.

2.3 A visão sociocognitiva da modalidade

Nos termos da hipótese sociocognitiva, a modalidade é um operador sobre domínios discursivos. Essa visão de modalidade contrapõe-se radicalmente à tradição formalista e também a algumas abordagens interacionais que tratam a modalidade como propriedade da frase, do enunciado.

Na visão sociocognitiva, ao contrário, a modalidade é concebida como um operador sobre domínios dentro da cena comunicativa, sendo, portanto, gerenciadora do processo interacional, e só tendo função na interlocução.

A modalidade busca promover a negociação de identidades, "*removendo-se barreiras ou impondo-se forças em relação ao interlocutor*." (MIRANDA, 2000, p.143). Não há possibilidade de analisar esse fenômeno fora do drama comunicativo, separando o semântico-lingüístico, do social e do cognitivo:

*"Assim, o trato da modalidade como operador de domínios discursivos, implica reconhecer-lhe a **propriedade de promover alinhamento e realinhamento (footing) da situação comunicativa através do processo de alteração das condições de validação** (...)." (MIRANDA, 2000:143)*

Desse modo, o fenômeno da modalidade, de acordo com a hipótese sociocognitiva, é delineado como operador sobre o domínio do discurso, assumindo a perspectiva processual, interativa e dramática, e sendo, portanto, não uma propriedade da frase, do enunciado, mas sim da enunciação, do discurso.

A proposta sociocognitiva introduz, no estudo da modalidade, uma nova perspectiva: "*A MODALIDADE GERENCIA A INTERAÇÃO, o que significa*

dizer que a modalidade é uma categoria lingüística que sinaliza e suscita o processo de construção da IDENTIDADE.” (MIRANDA, 2000, p.144)

Esse drama da identidade é a capacidade do ser humano de projetar e de reconhecer, projetando-se como contraparte do outro (TOMASELLO, 1999). A identidade do ser humano, enquanto organismo individual é constituída a partir de sua cultura, sua crença, sua língua, etc.

A modalidade sinaliza essa construção dramática da identidade, associando-se, então, a semiose da face. Tendo em vista que, nos termos de Goffman (1967,1976), a face representa a auto-imagem pública definida com base em atributos socialmente aprovados, a face *positiva* relaciona-se ao desejo de aprovação dos participantes da interação e a face *negativa* diz respeito à necessidade de ter a própria individualidade respeitada (BROWN & LEVINSON, 1987). É dentro dessa perspectiva que nasce a hipótese de base da proposta sociocognitiva: a modalidade gerencia a interação, isto é, sinaliza o trabalho com a face, regula a entrada dos sujeitos participantes na cena e o jogo de forças que é instaurado nessa encenação (MIRANDA, 2000). É dentro desse contexto que se instaura a hipótese da dinâmica das forças, a partir da qual a modalidade pode ser semanticamente delimitada como um operador conceptual de causa como imposição de forças ou suspensão de barreiras.

Em termos do gerenciamento da interação e em termos da hipótese da dinâmica das forças, a noção de intencionalidade é fundamental para o trato da modalidade. Nos termos de Tomasello (1999), a interação está na origem de tudo. Os sujeitos, como agentes intencionais, constroem suas identidades através do outro, projetando-se em contraparte, e desta forma, experienciam diversos lugares discursivos no trabalho de defesa e proteção da face.

A modalidade, construção metafórica promovida pela linguagem, permite que os sujeitos intencionais, a fim de tornar possível a compreensão das diferentes imagens projetadas de si mesmos no fluxo das interações, “franqueiem” ou “bloqueiem” a passagem para seus interlocutores:

“Os sujeitos fornecem-nos pistas de um processo de representação que implica, a um só tempo, **herança**, ou seja, um conjunto de saberes acumulados e socializados pela memória, e **ação conjunta**, ou seja, um foco dinâmico de percepção partilhada.” (MIRANDA, 2000:149)

Assim, a modalidade define os diferentes alinhamentos do sujeito, sinalizando um processo sociocognitivo através do qual os interlocutores se constituem como agentes intencionais e mentais.

Na seção a seguir, as CAE encontradas no debate político-eleitoral de 2002 serão analisadas, levando-se em conta os atos de fala que realizam enquanto operadoras de modalidade capazes de “impor força” ou “suspender barreiras” na interação.

3 O papel sociocognitivo das construções assertivas explícitas

A análise dos dados evidenciou que as construções assertivas explícitas desempenham, direta ou indiretamente, os seguintes papéis interacionais:

E quero dizer que a candidata não respondeu à minha pergunta: as construções assertivas explícitas no debate político-eleitoral

1. Defesa do próprio ponto de vista após uma crítica
2. Contra-ataque após uma crítica
3. Agradecimentos ou promessas

Nas sub-seções a seguir, cada um desses casos será analisado.

3.1 Defesa do próprio ponto de vista após uma crítica

Os casos a serem discutidos nesta seção referem-se a situações em que, após uma crítica feita por um oponente, o candidato apresenta, através da construção assertiva explícita, os argumentos relevantes que constituem uma defesa a essa crítica, através da sinalização de um ponto de vista alternativo.

No exemplo abaixo, a candidata Solange Amaral critica Rosinha Garotinho com relação à falsificação de dados no governo Garotinho:

(1) SA: e a nossa pergunta é sobre índice de falsificação de dados, eu tenho aqui falsificação de dados no tempo que seu esposo era governador ((em seguida lê as manchetes dos jornais)) presidente da Cedae falsifica dados sobre a água' na educação analfabetos fantasmas' falsifica dados na educação falsifica dados violência aqui tem muitos ((fala mostrando várias reportagens)) índices manipulados' manipulação da estatística' não tem direito a resposta porque eu estou lendo as matérias que a nossa população leu' estatísticas desaparecidas' o estado distorce os números da criminalidade (+) mentira nos preços do seguro tá aqui seguro mais caro no Rio' volta a aumentar aumenta ((mostrando reportagens)) (+) então governar é coisa séria' o governo não tem dinheiro o dinheiro é das pessoas ((Gilse interrompe Solange Amaral e passa a palavra para a candidata Rosinha))

RG: bom em 1º lugar **eu quero dizer que** a candidata tá mostrando os números dos nossos adversários que assumiram o governo não são números de nenhuma fiscalização de que alguém de fora pudesse de fato estar confirmando' números de que uma candidatura hoje quer fazer contra nós de má fé porque o nome já diz são adversários' não existe manipulação muito pelo contrário é inegável que o número de seqüestros no governo Garotinho diminuiu foram 32 durante 3 anos e 3 meses de governo' é inegável que o preço dos seguros de carro diminuíram e existe uma matéria do Lúcio Marques' que é vice-presidente da associação das seguradoras de automóveis em meado de 2001 /.../

No exemplo acima, o uso da expressão [EU QUERO DIZER QUE] prefacia a defesa de Rosinha Garotinho em relação à crítica feita por Solange Amaral com relação à falsificação de dados. Em termos de trabalho de face, a crítica constitui um ato que ameaça a face positiva da candidata que, para se defender, desqualifica a crítica ao associar os números divulgados a seus adversários políticos.

Nos termos de Langacker (1987), podemos perceber que o falante se coloca no *ground*, ou seja, não apresenta o fato de um modo totalmente objetivo. Utilizando a 1ª pessoa do singular na expressão “Eu quero dizer que”, a candidata coloca-se em foco, tornando-se parte da cena comunicativa.

Observa-se que além do uso da CAE, a candidata utiliza recursos modalizadores para reforçar a sua defesa: o marcador discursivo ‘bom’ e o sintagma preposicional ‘em 1º lugar’.

Essa tendência é encontrada em outros momentos no corpus, como no próximo exemplo, em que o candidato Jorge Roberto Silveira articula a sua defesa após a crítica que tinha recebido anteriormente de Rosinha Garotinho sobre os restaurantes populares.

(1) RG: bom eu vou’ pro Jorge Roberto se o senhor se elegeisse governador qual sua proposta pra esse setor do trabalho informal”

JR: **bom em primeiro lugar eu queria dizer que** eu nunca fui contra o restaurante popular em Niterói ‘eu fui contra o lugar que escolheram para fazer o restaurante popular porque era um prédio histórico é um prédio histórico’ eles queriam demolir aquele prédio pra fazer o restaurante popular quando a 20 30 metros dali tinha um terreno onde eles podiam ter feito isso’ bom não sou contra ao restaurante popular é bom que fique claro isso’

Observa-se, no exemplo acima, que embora o candidato utilize o verbo *querer* no pretérito imperfeito do indicativo, como estratégia de polidez, essa escolha não altera a realização do ato de fala de defesa, nem a estrutura argumental da CAE. Além disso, verifica-se o mesmo uso dos marcadores discursivos “bom” e “em primeiro lugar”, como ocorreu no exemplo anterior, sinalizando defesa da face em função de um ato de ameaça à face realizado pela candidata oponente.

3.2 Contra-ataque após uma crítica

Nesta seção, agrupamos os casos em que o candidato também sofre uma crítica do oponente, mas ao invés de apresentar apenas uma defesa a essa crítica, opta por um contra-ataque.

No exemplo a seguir, Benedita da Silva responde a pergunta de Rosinha Garotinho com uma crítica a respeito da falta de verbas originária do governo Garotinho. Logo após a crítica, Rosinha Garotinho defende-se da acusação com um contra-ataque ao governo da adversária:

(3) RG: bom (+) candidata (+) é (+) existem obras importantes que estão paralisadas hoje no Estado, a senhora considera mais importante terminar as obras que estão paralisadas ou iniciar obras novas.

BS: é interessante colocar de que nós pegamos obras paradas (+) o metrô da Siqueira Campos’ por exemplo em menos de 4 meses nós conseguimos

Continua...

renegociar e já estamos recebendo as parcelas e a obra será entregue em dezembro' o emissário da Barra por exemplo' estavam sem receber há meses nós já renegociamos com as empresas e já começamos' na Baixada por exemplo oito reservatórios lá (+) parados (+) de água para abastecer a Baixada' nós retomamos esta obra' nós estamos também retomando sem recurso' mas mantivemos o chamado cheque-cidadão' estamos tratando da desnutrição das crianças e obras que nós estamos fazendo agora' 60 km para conclusão de obras que foram iniciadas e que pararam' então nós já fizemos 60 Km de obras em mais de 4 meses' de estradas em mais ou menos 4 meses' eu perguntaria onde estava os recursos que diziam ter de 1 bilhão e 200 milhões de reais' OLHA por mais incompetente até que fosse ((fala de forma exaltada)) ninguém gastaria 1 bilhão e 200 milhões de reais ou ele sumiria no momento em que nós assumimos o governo' isso é impossível na verdade não tinha recurso e nós estamos dando um jeito nas finanças do estado

RG ((fazendo comentário da resposta)): bom eu não sei quem é que não usa da verdade porque se esses dois¹ fossem secretários do meu governo eu já teria demitido' eu não quero acreditar que alguém esteja usando de má fé' eu prefiro acreditar que não saibam do que estão falando(+) **eu quero dizer que** se não há recursos (+) como foi que estão aí agora como é que estão sendo' fazendo' como é que estão sendo feitas agora as obras que estão retomando se não existe recursos" **e quero dizer que** ela não respondeu à minha pergunta (++) foi desviado lá da Fazenda Botafogo os recursos de 800 apartamentos que já estão quase prontos pra aquela população carente' eu não sou contra a área de lazer mas eu terminaria primeiro aquela obra pra depois levar pro Chapéu Mangueira' pra frente da casa da candidata uma quadra de esporte enquanto famílias estão aguardando poucas obras para o término daquelas casas

No exemplo acima, verifica-se o uso da construção [EU QUERO DIZER QUE S] em dois momentos, prefaciando contra-ataques.

Diferentemente do exemplo anterior em que se verifica apenas uma estratégia de defesa, não se utiliza o marcador discursivo 'bom', mas a conjunção 'e', quando um ataque mais direto é feito à outra candidata ["e quero dizer que ela não respondeu à minha pergunta"]. É interessante notar que a mesma estratégia de uso de 'e' como marcador foi encontrada em 50% dos casos de CAE realizando contra-ataques no corpus, como demonstra o exemplo a seguir:

(4) RG ((réplica)): bom a candidata não respondeu se ela fosse eleita faria mais restaurantes populares eu vou fazer mais inclusive o de São Gonçalo' e **eu quero dizer que** que aliança que apóia a candidata' a candidata' a candidata do Fernando Henrique que é responsável hoje pelo país ser segundo país em desemprego do mundo' é por isso que o restaurante popular precisa' porque eu sei que você não gostaria de estar recebendo

...continuação

nada de governo nenhum' eu sei que você gostaria de ter o seu emprego pra sustentar a sua família' mas não é realidade porque a política econômica que esse pessoal defende prejudica você e não deixa o país gerar emprego pra que você possa se sustentar' então nós vamos continuar sabe por que" já dizia o Betinho quem tem fome tem pressa e enquanto não se resolve o problema eu vou continuar olhando por você pelas pessoas mais humildes que precisam do governo e eu quero ser governadora pra isso

Os exemplos (3) e (4) mostram que, ao ter sua face positiva ameaçada, o candidato pode optar não apenas por defender a própria face, mas também por realizar atos que também ameacem a face do concorrente.

3.3 Agradecimentos ou promessas

É importante ressaltar que as construções assertivas também podem realizar indiretamente atos de fala expressivos e compromissivos. Nesses casos, há uma pequena variação sintática nas construções, já que o objeto indireto está expresso na estrutura argumental da construção assertiva.

No exemplo abaixo, a mediadora encerra o programa, utilizando-se de uma CAE para agradecer aos participantes:

(5) ((GC se despede, agradece a todos e diz: "**eu quero dizer aos candidatos que eu estou encantada com o comportamento deles...**". (Agradece a toda a equipe da Bandeirantes, aos jornalistas e aos telespectadores e encerra o debate)

No exemplo (5), o agradecimento, ao mesmo tempo que expressa uma emoção, honra os desejos de face dos ouvintes, já que demonstra sentimentos de aprovação.

Já no exemplo abaixo, o mesmo tipo de construção (com O. I.) é utilizado para realizar um ato compromissivo:

(6) ((SA, na réplica, comenta que a candidata Rosinha fala muito, mas que a realidade não é bem essa que ela diz.))

RG ((tréplica)): bom' eu quero dizer que a população sabe julgar quem fez e conhece nosso trabalho' o Estado investiu só de recurso próprio além do SUS que vai para a prefeitura 84% a mais na área da saúde e habitação a candidata não é a melhor pessoa para falar porque enquanto secretária de habitação do município ela deixou por exemplo Rio das Pedras sem concluir como quer falar de habitação no governo do Estado **mas eu quero dizer pra você que eu vou continuar com as minhas obras sociais'** vou fazer mais habitação vou estar cuidando da saúde porque é pra isso que eu quero governar pra dar continuidade consolidar tudo aquilo que

Continua...

E quero dizer que a candidata não respondeu à minha pergunta: as construções assertivas explícitas no debate político-eleitoral

...continuação

foi iniciado no governo do Garotinho' eu fiz as minhas propostas e apresentei pra você durante toda a minha campanha e estou aqui para consolidá-las e reassumir o meu compromisso com as famílias do nosso Estado' por isso que quero ser governadora por isso que eu estou aqui hoje em respeito a você

Verificamos que a estrutura sintática da construção nesses atos de fala difere das anteriores, pois apresenta o sintagma preposicionado (objeto indireto) na oração matriz: [EU QUERO DIZER SPREP QUE S]. No exemplo acima, trata-se da realização indireta de uma promessa. Rosinha Garotinho promete aos telespectadores que dará continuidade às obras sociais, utilizando-se do Sprep. 'pra você', como se estivesse se dirigindo a cada um dos eleitores individualmente. Através dessa estratégia, salva a própria face, apresentando-se como uma candidata comprometida com projetos sociais.

4 Considerações finais

Fundamentado na teoria da Lingüística Sociocognitiva, o presente trabalho teve como objetivo verificar os significados pragmáticos que as construções assertivas explícitas prefaciadas por [(EU) QUERO DIZER (SP) [COMP S]] assumem na interação conversacional.

Com base na hipótese sociocognitiva, cujo postulado básico é o de que o significado é construído na cena interativa, buscamos relacionar a estrutura sintática dessas construções assertivas a seus significados interacionais em corpus referente ao debate político-eleitoral de 2002 para o Governo do Estado do Rio de Janeiro.

Observamos que tais construções ocorreram, principalmente, nos seguintes contextos:

1. REALIZAÇÃO DE ATOS DE FALA ASSERTIVOS DE DEFESA DE PONTO DE VISTA APÓS UMA CRÍTICA
2. REALIZAÇÃO DE ATOS DE FALA ASSERTIVOS DE CONTRA-ATAQUE APÓS CRÍTICA
3. REALIZAÇÃO DE ATOS DE FALA EXPRESSIVOS OU COMPROMISSIVOS.

Nos contextos 1 e 2 acima, verificou-se a ocorrência de construções do tipo [EU QUERO DIZER QUE S], enquanto que no contexto 3, observou-se uma diferença na estrutura construcional, em que ocorre sempre objeto indireto. Portanto, construções que realizam atos de fala expressivos ou compromissivos são do tipo [EU QUERO DIZER SPREP QUE S].

Verificamos também a presença de operadores discursivos funcionando como recursos modalizadores, de modo que atos assertivos de defesa tendem a ocorrer precedidos pelos marcadores "bom", "em primeiro lugar" ou pela combinação de ambos, enquanto que atos assertivos de contra-ataque demonstram uma preferência pelas conjunções "e" e "mas", utilizadas como marcadores discursivos.

É importante ressaltar que a sistematização proposta nesta pesquisa lança bases para aprofundamentos posteriores, tanto no que se refere a fazer um levantamento mais detalhado dessas construções em contextos de debate político, como no que diz respeito a verificar o mesmo fenômeno em outros contextos interacionais.

E quero dizer que a candidata não respondeu à minha pergunta: as construções assertivas explícitas no debate político-eleitoral

Abstract

This paper focuses on explicit assertive constructions, drawing on a corpus of political debate. The analysis showed that these constructions may perform assertive, expressive or compromissive speech acts, which are related to the instantiation of specific argumental roles. It is also argued that explicit assertive constructions are related to face preserving strategies.

Keywords: Sociocognitivism; Explicit assertive constructions; Political debate.

Notas

¹ Referência a secretários de governo de Benedita da Silva.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Maria Lúcia Leitão de. *Processos de mesclagem em anguladores no Português do Brasil*. In.: Veredas. Juiz de Fora: EDUFJF, v.3, n.1, jan/jun, 1999.
- AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. London: Oxford University Press, 1962.
- BROWN, P. & LEVINSON, S. C. *Politeness – Some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- CLARK, Herbert H. *Using Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- DURANTI, Alessandro & GOODWIN (Eds). *Rethinking Context. Language as Interactive phenomenon*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- FAUCONNIER, Gilles. *Mental Spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- _____. *Mappings in Thought and Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- FERRARI, L. V. *Cognição, Interação e Atos de Fala: As Construções Assertivas Explícitas*. Projeto de pesquisa / CNPQ, 2003.
- _____. *A Linguística Cognitiva e o realismo corporificado: Implicações filosóficas e Psicológicas*. In.: Veredas. Juiz de Fora: EDUFJF, v.9, n.2, jul / dez, 2001.
- _____. *A Abordagem Sociocognitiva dos Atos de Fala*. In.: Revista Portuguesa de Humanidades. Braga: Faculdade de Filosofia da U.C. P, 2004.
- GOFFMAN, E. *Interactional Ritual Essays on Face to Face Behavior*. New York: Panteon, 1967.

- _____. *Frame Analysis*. New York: Harper & Row, 1976.
- _____. In.: Ribeiro, B.T & Garcez, Pedro M. (org.) *Sociolinguística Interacional*. Porto Alegre: AGE, 1998 [1979].
- GUMPERZ, J.J. *Contextualization and understanding*. In.: DURANTI, Alessandro, GOODWIN, Charles (Eds). *Rethinking context: language as an interactive phenomenon*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- _____. *Convenções de Contextualização*. In.: Ribeiro, B. Telles e Garcez, P.M. (Org.). *Sociolinguística Interacional*. Porto Alegre: Age, 1998 [1982].
- KOCH, Ingedore G. V. *A interação pela linguagem*. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- LAKOFF, George. *Women, Fire and Dangerous Things. What Categories reveal about the Mind*. Chicago: The University Chicago Press, 1987.
- LANGACKER, R. *Foundations of Cognitive Grammar*. v. 2, 1991.
- MARCUSCHI, L. A. *Análise da Conversação*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1997.
- MARMARIDOU, Sophia S.A. *Pragmatic meaning and Cognition*. Amsterdan: Philadelphia: John Benjamins, 2000.
- MIRANDA, Neusa Salim. *A Configuração das Arenas Comunicativas no Discurso Institucional: Professores versus Professores*. 2000. 196 p. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Minas Gerais. 2000.
- _____. *O Caráter Partilhado da Construção da Significação*. In.: Veredas. Juiz de Fora: EDUFJF, v. 5, n. 1, jan. / jun., 2001.
- OTTONI, Paulo Roberto. *Visão Performativa da Linguagem*. São Paulo: Unicamp, 1998.
- PALMER, F.R. *Mood and Modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- SALOMÃO, M. M. Martins. *Gramática e Interação: O Enquadre Programático da Hipótese Sócio-Cognitiva sobre a Linguagem*. In: Veredas. Juiz de Fora: EDUFJF, v. 1, n. 1, jul./dez., 1997.
- _____. *O Processo Cognitivo da mesclagem na análise lingüística do discurso*. Projeto Integrado de Pesquisa. UFJF / UERJ/ UFRJ. Mimeo, 1999.
- SEARLE, R. John. *Speech Acts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.
- _____. *Expressão e Significado – Estudos da teoria dos atos de fala*. São Paulo: Martins Fontes, 1975 [1979].
- SWEETSER, Eve. *From Etymology to pragmatics. Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure*. University Press, 1990.
- _____ & FAUCONNIER, Gilles. *Cognitive Links and Domains: Basic Aspects of Mental Space Theory*. In.: FAUCONNIER & SWEETSER (Eds.). *Spaces, Worlds, and Grammar*. Chigaco and London: The university of Chicago Press, 1996.
- TOMASELLO, Michael. *The Cultural Origins of Human Cognition*. Cambridge: Harvard University Press, 1999.